

# Dossiê Transrural

## Pode a pecuária existir sem a soja ?

*Dossiê realizado pela «Réseau Agriculture Durable» (Rede de Agricultura Sustentável), em colaboração com «Transrural Initiatives» (revista).*



foto cortesia de : Georges Bartoli/CCFD



foto cortesia de : Adage

O «Comité Catholique contre la Faim et pour le Développement» (Comitê Católico contra a Fome e pelo Desenvolvimento) e outras associações, tais como «Réseau Agriculture Durable» (Rede de Agricultura Sustentável), lançam uma grande campanha: «a soja contra a vida». Essas organizações desejam chamar a atenção sobre as conseqüências desastrosas das importações européias maciças de soja dos países produtores da América do Sul : empobrecimento, estragos sanitários, desmatamento... (p.VII). Cúmplice, a

agricultura européia é então chamada a reduzir o seu déficit em proteínas vegetais. Uma dependência que vem de longe (p.II). A inversão da tendência passa necessariamente por uma transformação do modelo agrícola dominante, modificando as criações de gado intensivas, alimentadas com cereais e soja. É verdade que o desenvolvimento de cultivos para os bio-combustíveis garantirá novas oportunidades à indústria de alimentos ricos em proteínas (p.III). Mas os resultados da criação de gado de forma autônoma, ao nível da propriedade rural, convidam a ir mais longe. A transformação para a autonomia alimentar parece fácil para os ruminantes, mas é mais difícil de realizar para suínos e aves. A ausência do rótulo «alimentos transgênicos», para os produtos dos animais alimentados com soja transgênica americana, desabilita os canais que querem valorizar outras alternativas (p.IV).

No entanto, alguns centros de decisão não se enganam e vêem, na modificação das práticas da alimentação animal, a oportunidade de satisfazer o pedido público de criar linhas não transgênicos e de produtos locais. Assim a Região (divisão administrativa da França) «Basse-Normandie» se comprometeu com as associações, pelo desenvolvimento de uma agricultura sustentável e autônoma no seu território (p.VI-VII).

# A Europa «sojatisa»!

A União Europeia é o primeiro importador mundial de proteínas vegetais, pois a agricultura europeia produz somente um quarto das suas necessidades. A diminuição dessa dependência é, hoje, um desafio para os que desejam reorientar a agricultura.



A soja está no coração do sistema moderno da alimentação animal. É a consequência evidente e precisa da importância dos cereais nas rações dos animais, graças a sua riqueza em proteínas e ao seu teor elevado de aminoácidos (lisina). De acordo com os nutricionistas, fora das farinhas animais (proibidas desde 2000), nenhuma outra fonte de proteínas atinge tanto «poder de absorção», para obter crescimento e produtividade.

Se a combinação cereais/soja tem justificativas técnicas, a sua dominação está principalmente ligada aos fatores políticos que fizeram da União Europeia o primeiro importador mundial de proteínas. A importação dos alimentos de gado na Europa, com tarifa alfandegária nula, foi imposta pelos Estados Unidos durante as negociações da Rodada de Dillon do GATT<sup>1</sup> (1961-1962). O baixo custo dos alimentos importados (soja, glúten de milho...) favoreceu o desenvolvimento das criações de animais intensivas e a criação desvinculada do solo. A Política Agrícola Comum também participou desse modelo, incentivando uma forte produção de cereais. Com preços baixos, América do Sul alimentou o setor da criação animal. De alguma maneira, as produções de carne de porco e de aves se tornaram subprodutos

do mercado dos cereais europeus. Hoje, a Europa depende do exterior para satisfazer 77 % das suas necessidades de proteínas. E quase três quartos da sua superfície agrícola estão consagrados ao mercado da alimentação animal (cereais, forragem e semente).

## O fim da rainha "soja"?

Com a proibição das farinhas animais no final dos anos 90, a União Europeia importou mais farelo de soja - chegando em 2004/2005 a importar 23,2 milhões de toneladas dos Estados Unidos, do Brasil e da Argentina. Frente aos três grandes países fornecedores, a Europa fica muito vulnerável para os seus abastecimentos. Além disso, os recentes debates sobre a recusa dos produtos transgênicos na alimentação animal ilustram os limites de um modelo único para a alimentação animal. A soja do continente americano é majoritariamente transgênica. Só alguns estados brasileiros defendem ainda soja não-transgênica. Mas até quando?

Não devemos esquecer que o crescimento das importações europeias estimulou a forte expansão da produção de soja na América Latina nos últimos anos. O desenvolvimento desse cultivo teve custos humanos e ambientais importantes,

o que deveria convidar os atores europeus a reconsiderar os modelos de produção que dependem dele (p.VIII).

Notamos que a diminuição da dependência da soja destinada para rações animais começou com o desenvolvimento das culturas oleaginosas na Europa, e, sobretudo da canola na França. Alguns importadores já falam do fim da «rainha soja», graças à futura disponibilidade, na França, de sub-produtos resultando dos biocombustíveis. Além da questão da substituição das matérias-primas, cada vez mais atores agrícolas questionam o modelo da pecuária europeia. Questionam a Europa e sua vocação para produzir carne. Questionam também sua capacidade de reinventar sinergias entre as cadeias animais e as cadeias vegetais. Essa última opção implica em uma reativação da produção de proteínas na propriedade.

1. O GATT (General Agreement on Tariffs and Trade - 1947) instância de origem do atual sistema da Organização Mundial do Comércio de 1995.

S.F.

## OMC: o acordo de Blair House ainda corre...

Um acordo entre os Estados Unidos e a União Europeia no início dos anos 1990 limita a superfície média cultivada de culturas oleaginosas na Europa, durante o período 1989-1991 (5,5 milhões ha, menos 10 % obrigatório devido ao gelo). Os pousios para a produção de bagaços de soja não são submetidos a esse constrangimento, mas não podem produzir uma quantidade de bagaços superior a um milhão de toneladas. Em teoria, o acordo ainda está valendo, já que nunca foi revogado pelas duas partes. Bruxelas nunca confirmou o caráter caduco desse acordo, apesar da convergência das ajudas diretas para as plantas oleaginosas e os cereais, e apesar da multiplicação das ajudas à produção. O acordo de Blair House até faz parte da lista dos compromissos multilaterais que a União Europeia depositou na Organização Mundial do Comércio (OMC).

# Biocombustíveis e os sub-produtos para a alimentação animal

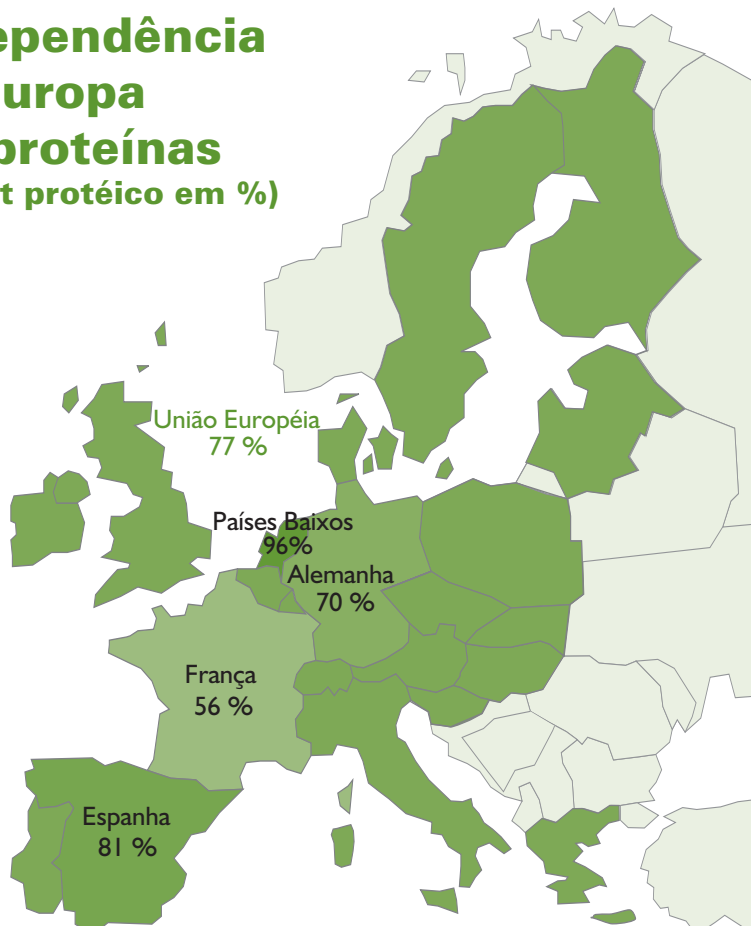
O entusiasmo com combustíveis de origem vegetal muda o jogo das matérias-primas ricas em proteínas.

Com a subida dos preços do petróleo, a França decidiu voltar a dinamizar a produção de biocombustíveis, com o objetivo de atingir uma incorporação de 5,75% em 2008. Outros países europeus têm objetivos mais ambiciosos. Essa reorientação das políticas energéticas vai acelerar o aumento das culturas ricas em óleo, para a produção de diéster e de óleo vegetal puro, como a canola, e ricas em açúcar para o etanol (beterraba, trigo). O desenvolvimento dos biocombustíveis vai provocar de fato uma maior disponibilidade dos sub-produtos, tais como farelo de canola, resíduos de trigo, duas matérias

parentes em termos de valor nutritivo. Entre 2003/2004 e 2004/2005, aumentou em 16% a produção francesa de canola. Com a evolução do etanol, a produção francesa de resíduos de trigo deveria aumentar daqui até 2010, para atingir 550.000 toneladas.

Com o tempo, os biocombustíveis deveriam então modificar consideravelmente o mercado das matérias ricas em proteínas. No entanto, não vão abandonar a soja de um dia para o outro. A soja ainda representa 3,9 milhões de toneladas, enquanto o bagaço de colza só atingiu um milhão em 2005. A dependência vem de longe...

## A dependência da Europa em proteínas (déficit protéico em %)



## Os atores da alimentação animal

**A pecuária** utiliza alimentos produzidos na propriedade agrícola (forragem, co-produtos de cultura, matérias-primas concentradas), ou comprados no exterior (alimentos compostos, sub-produtos da indústria).

**A indústria dos alimentos compostos** se abastece em matérias-primas no mercado nacional ou mundial: cereais, soja, mandioca... Utiliza também sub-produtos agro-industriais. O seu papel é predominante na alimentação dos porcos e das aves, e é menor para os herbívoros (graças à forragem).

**As indústrias moageiras, de trituração, de fabricação de amido, de açúcar** fornecem grandes quantidades de co-produtos utilizados como complementos dos cereais e das oleoproteíginosas: bagaços, farelos, glúten de milho, resíduos de cevada, melações, polpas...

**As indústrias químicas e farmacêuticas** fornecem aminoácidos industriais (lisina, metionina, treonina, triptofano), aditivos, oligo-elementos e antibióticos.

## O alimento composto

Na França, a atividade de produção de rações compostas diminuiu sensivelmente, enquanto estagnou na maioria dos outros países europeus. Desde 2001, foi registrada uma diminuição de 6% devido à diminuição do gado. Na França, o «Syndicat National des Fabricants d'Aliments» (Sindicato Nacional dos Fabricantes de Alimentos) não é muito otimista quanto à demanda para 2006, e teme o impacto negativo da gripe aviária nas vendas de aves. A ave representa um pouco mais de 40% da produção de rações compostas. Única certeza para o futuro: um re-equilíbrio das matérias-primas disponíveis com mais sub-produtos dos biocombustíveis no mercado: bagaços de canola e resíduos de trigo.

# Dependência da soja : é preciso mudar as práticas e as cadeias

Entrevista com Jean-Pierre TILLON, diretor científico do grupo cooperativo Invivo<sup>1</sup>

**Porque a soja é emblemática num modelo agrícola?**

**Jean-Pierre Tillon :** não é uma casualidade, se a gente fala do modelo milho-soja. De um ponto de vista nutricionista, a combinação milho-soja se complementa muito bem e atinge o equilíbrio perfeito. Todo o sistema atual de criação de gado baseia-se nesse modelo, porque ele é o mais simples. A implantação de alternativas seria sinônimo de esforços e contrapartidas suplementares, que pouca gente está disposta a fazer. Teria que mudar de referências, em uma época de crise pouco propícia.

**No entanto, esse modelo não é novo...**

Depois do plano Marshall, o modelo americano milho-soja substituiu o modelo alimentar europeu, que era baseado no trigo e na ervilha. Isso facilitou o desenvolvimento da pecuária, permitiu economias de escala, e gerou os excedentes de nitrogênio que conhecemos hoje. Com o embargo da soja em 1973, respostas técnicas foram propostas pelo «plano proteínas»: a gente propôs favas forrageiras e ervilhas, mas, na realidade, essas plantas nunca se desenvolveram nas propriedades agrícolas. A ervilha enfrentou problemas sanitários nas zonas cerealíferas com a presença de aphanomyces.

**Como desenvolver uma agricultura diferente, hoje?**

É preciso mudar as práticas e as cadeias. Primeiro, as práticas culturais: re-introduzir rotações de culturas (fazer parcelas) é uma prioridade absoluta. É preciso também melhorar a qualidade dos produtos para poder manter o valor. Para isso, o rótulo dos

produtos animais deve poder mencionar se a alimentação é transgênica ou não, o que não é possível hoje. A instauração de fileiras transgênicas e não transgênicas obrigará os atores a tomar decisões estratégicas. Por último, as cooperativas vão ter que restabelecer balanços globais, para reorganizar as produções, e seguir melhor os fluxos de matérias entre zonas de criação e zonas cerealíferas.

**É preciso reduzir a importância da soja? Se sim, como?**

É preciso limitar a importação de soja, porque é mais lógico valorizar a matéria orgânica produzida nas nossas propriedades agrícolas do que importar o nitrogênio do Brasil com a soja. É fácil substituir a soja das vacas leiteiras, especificamente para a produção de queijos de vacas em AOC3. Ao mesmo tempo, os produtores de «Bleu d'Auvergne» (queijo francês), por exemplo, não aceitam um aumento anual de 10 Euros por vaca, para um alimento garantido não transgênico. É nesse segmento que é preciso trabalhar com alternativas, valorizando as proteínas produzidas na França. No setor das aves é mais difícil, pois as fileiras «label rouge» (rótulo vermelho - rótulo de qualidade) perdem dinheiro. É muito difícil agora achar alternativas à soja na produção de peru, pois exige altas taxas de proteínas na sua alimentação. Para o porco, dois tipos de produção vão coexistir, mas podemos pensar que o alimento produzido na propriedade agrícola vai adquirir importância.

**O desenvolvimento das alternativas à soja implica, então, em uma reorganização do abastecimento das matérias**

**ricas em proteínas?**

A primeira etapa é tornar acessível as leguminosas, graças à criação de plataformas de distribuição localizadas em algumas regiões. Não vai ser possível para a totalidade do país. Incorporar leguminosas na alimentação animal não se improvisa. Os tipos de formulação são muito complexos e dependem dos contratos, ou da capacidade de armazenamento. É preciso então otimizar os custos.

**Você acredita na soja produzida pela agricultura familiar?**

É uma idéia muito interessante, mas que hoje não tem seu lugar no mercado. Essa reivindicação é desconhecida no setor da alimentação animal. Como vender, e mais ainda, como valorizar a soja da agricultura familiar? O porco é um produto comum e o frango «label rouge» (rótulo vermelho) só se desenvolve como produto de corte ou como produto muito elaborado. Será que o consumidor está disposto a pagar mais caro por uma carne que tem o mesmo sabor, mas que é um produto da agricultura familiar, e um produto com soja não transgênica?

O fim da dependência da soja vai acontecer de qualquer maneira. A soja não transgênica é uma idéia que vai permitir avançar, e voltar a cultivar leguminosas na França. Isso será acompanhado de uma evolução das práticas agrícolas, com a consideração dos ciclos de vida e a maneira de abordar a questão dos «sistemas de produção» pelos agricultores.

Entrevista realizada por S.F.

Sub  
na a

Farelo de s  
(milhões de to  
alimentos co  
alimentos da

Alternativas

O farelo de so  
cia dos alimen  
contrário, o fr  
questão das a  
modos de alim  
Fonte: Cereopa

1. União In Vivo é a primeira cooperativa europeia de compra, de venda e de serviços, no setor agrícola. As suas atividades são a sementeira, o fornecimento de produtos agrícolas, o armazenamento, os mercados, a nutrição e a saúde animal, e a distribuição. O grupo é importador de soja.

2. Fungo responsável pelo apodrecimento das raízes da ervilha.

3. Apelação de Origem Controlada. Rótulo de qualidade para o consumidor.

4. Família de plantas ricas em proteínas

# Substituir a soja na alimentação animal

soja<sup>1</sup>

(meladas) nos :

compostos

exploração agrícola



517

743

2304

436

341

25



soja representa quase um quarto da alimentação dos animais. Constatamos a relativa importância dos alimentos misturados na propriedade agrícola para as vacas e, em menor escala, para os porcos. Ao longo como quase exclusivamente alimentos compostos dos fabricantes. Assim, para estudar alternativas à soja, é importante identificar os maiores consumidores, assim como os seus hábitos alimentares específicos.

2005

## Substituir a soja por :

### Pasto e forragem



O pasto é a primeira fonte de proteínas para os ruminantes. Para obter um alimento muito equilibrado, é possível misturar pasto com uma associação de gramíneo-leguminosas (trevo branco e grama de raio, por exemplo). Também as técnicas de secagem do feno podem melhorar a qualidade nutritiva das forragens.

### Sementes proteaginosas

A ervilha é muito rica em lisina, um aminoácido indispensável para o crescimento dos animais. É utilizada principalmente para os porcos. Mais polivalente, a fava forrageira contém mais proteínas. Algumas variedades são utilizadas para as vacas leiteiras, e outras para os porcos e as aves de corte. Enfim, o tremço doce, soja dos países de clima moderado, é muito rico em energia e proteínas, e substitui o farelo de soja.



### Bagaço de canola



O bagaço de canola substitui facilmente o farelo de soja importado. É obtido a partir da semente espremida e o óleo é utilizado como combustível.

## Mudar as práticas... ou os modelos

Existem várias soluções possíveis para substituir a soja. Algumas delas implicam uma modificação das práticas de alimentação dos animais, valorizando os campos, utilizando a alfafa e as proteaginosas, introduzindo o bagaço de canola (ver acima). Parece possível para os ruminantes, mas ficará muito mais difícil de realizar para os porcos e as aves. Trocar a soja por cereais nas criações de frangos implica uma mudança do modo de produção, e um alongamento dos períodos de crescimento. Não é simples. No entanto, é bom precisar que vários agricultores já foram mais além dessa simples estratégia de substituição, tornando menos intensa a produção leiteira e criando porcos sobre palha em vez de pavimento de madeira ou de metal.

## As proteínas estão no campo !

Uma ótima valorização do campo, associando gramíneas e leguminosas, constitui a alternativa mais certa para uma maior autonomia na alimentação do gado bovino.

A alimentação ideal para bovinos, de leite ou de corte, é baseada principalmente na soja e no milho. Porém, no mundo, 23% das culturas de milho e 60% das culturas de soja são transgênicas. Existe uma alternativa a essa dependência: as pastagens mistas. É preciso recordar que a lei europeia não prevê nenhum rótulo para os produtos derivados de animais alimentados com plantas transgênicas, tais como o leite, a carne, etc. O consumidor não pode então se informar sobre a qualidade dos produtos que ele consome. Algumas empresas produtoras de carne, no

Norte da Europa, respeitavam há 10 anos uma moratória sobre as plantas transgênicas. Mas o líder do mercado da carne sueca acaba de cancelar a sua própria moratória, no dia 1º de Janeiro de 2006<sup>1</sup>. Trata-se de uma decisão relativa à dificuldade atual de se abastecer com soja não transgênica, sobretudo desde que o Brasil, principal produtor de soja transgênica, se tornou produtor de soja transgênico. A empresa afirma que o preço da soja não transgênica, que não mudou em 2005, vai ser multiplicado por dois em 2006.

(página seguinte IV)

**Reaprender a saber-fazer**

Os pecuaristas são os que devem organizar a sua própria autonomia em proteínas, renunciando a comprar alimentos transgênicos (farelo de soja, polpa de beterraba), e renunciando ao cultivo de milho e às subvenções. É uma mudança completa do sistema de produção e das mentalidades. Alguns agricultores não hesitaram, e já começaram a desenvolver sistemas forrageiros com maior porcentagens de pasto. O cultivo de pastagens que associam gramíneas e leguminosas (grama de raio e trevo branco no Oeste) com alfafa permite obter um alimento equilibrado para o gado. O trevo é muito fácil de digerir e rico em proteínas. Greenpeace Bélgica lançou uma campanha sobre esse tema, intitulada «leite respeitoso do meio ambiente»<sup>2</sup>.

A adoção dum sistema baseado na pastagem tem outras vantagens. A diminuição das despesas de alimentos, de produtos fito-sanitários, de adubos, permite reduzir os custos de produção, e compensa então as perdas de rendimento, sobretudo para o leite. Também reduz o tempo de trabalho, já que os animais estão no campo, e o pecuarista beneficia de um melhoramento da sua qualidade de vida. Em termos de energia, as propriedades agrícolas se tornam mais autônomas graças a diminuição dos postos "combustíveis" e "eletricidade". Os sistemas de pastagens utilizam menos máquinas agrícolas. Enfim, facilita a transmissão das propriedades agrícolas: o jovem agricultor acha uma propriedade sustentável que gera uma renda estável.

M.S.R.



# Desenvolver a autonomia das propriedades agrícolas para resistir às plantas transgênicas

Para remediar à dependência da região (divisão administrativa do território) em proteínas, associações da Região «Basse Normandie» desenvolvem sistemas de produção autônomos.

Em setembro de 2004, o grupo de trabalho "Inpact Basse-Normandie" (Iniciativas para uma agricultura cidadã e territorial) abriu o debate da viabilidade de uma região sem transgênicos. Para as associações de desenvolvimento agrícola, resistir aos produtos transgênicos consiste primeiro em acompanhar os agricultores nos seus projetos de autonomia alimentar da propriedade agrícola. Hoje, os produtos transgênicos entram principalmente como alimentos de gado (ver p. V). Além disso, trata-se de «fazer que toda a sociedade local se torne um ator da reapropriação de sua agricultura e do seu futuro alimentar».

Um ano depois, o Conselho Regional

(instância administrativa da região) da Basse Normandie vota uma ajuda financeira, permitindo a «Inpact Basse Normandie» conduzir um estudo de três anos sobre os níveis e os modos de dependência em proteínas das explorações da região, e de maneira geral sobre sua indústria agroalimentar. Os objetivos são simples. Trata-se, primeiro, de conhecer precisamente o estado de dependência em proteínas importadas. Será tratada a questão dos riscos de contaminação das fileiras agrícolas pelos produtos transgênicos. Sabemos que existem consequências. O que não sabemos é o grau de permeabilidade da região aos produtos transgênicos. Segundo, o grupo vai estudar os processos de mudança dos diferentes sistemas de produção agrícola, para uma maior autonomia em proteínas. Assim, vão analisar exemplos de propriedades que já procuram autonomia alimentar. Desta análise vão sair tipologias, que vão permitir determinar os processos de mudança, e conceber cenários de política pública regional, para organizar um desenvolvimento da alimentação do gado mais autônomo.

Esse estudo reunirá as competências associativas do «Reseau Agriculture Durable» (Rede Agricultura Sustentável), do Gret para a parte «políticas públicas», e dos investigadores. Resultados e proposições esperados para 2008.

Contatos:  
Afiip Normandie  
+33 2  
31.06.07.30  
Ardear Basse-Normandie  
+33 2  
33.06.45.46



## Para saber mais

**Investigação sobre a alimentação animal:** [www.cereopa.com](http://www.cereopa.com)

**Investigação e prospectiva sobre as proteínas:** [www.inra.fr](http://www.inra.fr)

**Oleoproteaginosas, interprofissão:** [www.prolea.com](http://www.prolea.com)

**Agricultura sustentável:** [www.agriculture-durable.org](http://www.agriculture-durable.org)

1. Inf'OGM n°71, janeiro de 2006  
2. [www.greenpeace.org/belgium](http://www.greenpeace.org/belgium)

G.L.

# «A defesa e a promoção dos sistemas de pastagens era uma evidência»

Encontro com Jean-Karl Deschamps, vice-presidente do Conselho Regional de Basse-Normandie, responsável pela agricultura sustentável, pelo meio ambiente, e pela ruralidade

**Quais são as prioridades da Região para a agricultura?**

**Jean-Karl Deschamps :** a agricultura não faz parte dos campos de competências obrigatórios do Conselho Regional. Acompanhar a agricultura fica então uma diligência voluntarista. Hoje a região Basse-Normandie, representa uma das maiores densidades de explorações agrícolas no território francês. Implica em equilíbrios sociológicos incontornáveis. Esta constatação vai dar nascimento a um plano regional a favor da implantação de propriedades agrícolas.

Além disso, a posição atual da agricultura de pastagem (72% da superfície agrícola útil está com pasto) constitui uma base importante para assegurar um desenvolvimento sustentável, da agricultura e do setor agroalimentar, na região da Basse-Normandie. Este potencial de pastagem, a imagem da terra-mãe e de qualidade, a presença de AOC (Apelação de Origem Controlada), um

território sem produtos transgênicos, são as vantagens que a região deve valorizar para consolidar uma agricultura plural.

**Como explicar a vontade da região de reforçar a autonomia em proteínas?**

A autonomia em proteínas está ligada à diminuição da produção de milho (alimento complementar da soja) e, ao desenvolvimento dos sistemas de pastagens. Esta vontade de autonomia é a consequência, da nossa análise política prospectiva (relação à terra-mãe, imagem, restrições orçamentos...), de imperativos ambientais (fim do milho irrigado), de desafios de sociedade (recusa maciça dos produtos transgênicos pela população, custo da energia), e de desafios sociais (preservação da população agrícola, ordenamento do território). Com a globalização dos mercados e, a pressão econômica vindo dos países emergentes, só tem a solução de desenvolver uma agricultura muito enraizada

na tradição. As únicas partes de mercado que a gente vai poder conquistar estão neste segmento. Eu receio que as restrições orçamentárias (da Europa) sejam um obstáculo para a produção de matérias-primas e nos obriguem a importá-las. Neste contexto, a defesa e a promoção dos sistemas de pastagens aparece como uma evidência.

**Quais são os meios da Região para implicar os atores agrícolas nesta orientação?**

Nós apoiamos a agricultura sustentável e biológica, os balanços energéticos, e os óleos vegetais puros. Além disso, acompanhamos o pólo Inpact na realização de um plano cujos objetivos são, a diminuição da dependência da agricultura à soja, o desenvolvimento da produção local de proteaginosas, e a segurança das fileiras importadas (para o respeito das agriculturas locais) (ver artigo ao lado).

Entrevista efectuada por S.F.



foto cortesia de : Rad

## «A soja contra a vida»

Para apoiar a mobilização de organizações da América do Sul, o CCFD, a «Réseau Agriculture Durable» (Rede Agricultura Sustentável), a «Confédération Paysanne» (Confederação Campesina) e outros<sup>1</sup>, fazem campanha contra as consequências dramáticas do cultivo da soja sobre as populações locais e sobre o meio ambiente.



Foto cortesia de : Georges Bartoli/ccfd

A produção mundial de soja aumentou 495 % em 35 anos. Esta evolução está ligada com a expansão da produção na América do Sul, com taxas de crescimento anual de cerca de 18%. Esta exploração extensiva tem consequências humanas e ambientais graves. Primeiro, as consequências humanas, com comunidades rurais e indígenas expulsas das terras pelos fazendeiros. No Brasil 1 % da população tem 47 % das terras agrícolas. Essa corrida à concentração contribui à exclusão da agricultura familiar, o que provoca o êxodo rural dos camponeses e o crescimento da pobreza das cidades.

A monocultura de soja substitui as culturas alimentares: desde os anos 1970, a soja impôs-se frente ao arroz, o feijão, a mandioca, o milho...

### Duas pessoas para trabalhar 100 ha de soja.

A destruição da agricultura camponesa é também sinônima de destruições de empregos: a produção de 100 ha. de soja corresponde a... dois empregos só! A

mão de obra fica largamente explorada, e mesmo forçada à escravidão. O Brasil estima a população de escravos em 25.000 pessoas em 2004, o que deve ser inferior à realidade.

Existem também prejuízos colaterais, como as 300 famílias paraguaias contaminadas por espalhamentos tóxicos. No Brasil, 15 tribos indígenas estão ameaçadas de extinção, devido a projetos de ordenamento dos rios destinados a melhorar o transporte da soja. Frequentemente, camponeses afirmando suas reivindicações, morrem.

### A floresta desaparece a favor dos campos

Os prejuízos são também consideráveis. Para abrir novos espaços à soja, o desmatamento é geral. Desde 1998, 135.000 km<sup>2</sup> de floresta amazônica desapareceram para o benefício desse cultivo. Na Argentina foram destruídos um milhão de hectares de floresta, convertidos em terras agrícolas. A monocultura industrial da soja empobrece os solos, e os produ-

tos químicos contaminam a água... Assim, a campanha «A soja contra a vida» apresenta, um quadro sinistro das consequências das criações industriais alimentadas com soja. Faz referência ao problema da difusão dos produtos transgênicos, quando 90 % da soja argentina é transgênica ; ou à concentração dum setor nas mãos de algumas multinacionais...

Com o objetivo de sensibilizar a opinião pública europeia, esta campanha pretende apoiar outras políticas agrícolas que favorecem o desenvolvimento de alternativas ao «tudo soja».

Para saber mais :  
[www.sojacontrelavie.org](http://www.sojacontrelavie.org)

1. Campanha realizada pelo «Comité catholique contre la faim et pour le développement» (Comitê católico contra a fome e pelo desenvolvimento), pela «Réseau Cohérence» (Rede Coherente), pela «Confédération paysanne» (Confederação camponesa), pelo «Groupe de Recherche et d'Echanges Technologiques» (Grupo de investigação e de intercâmbio tecnológico) e, pela «Réseau agriculture durable» (Rede agricultura sustentável).



Estudo realizado por



traduzido por  
Rodolphe Robin

Como o apoio da



TRANSRURAL Iniciativas • 2, rue Paul Escudier -  
75009 PARIS - FRANÇA • tél. +33 1 48 74 52 88  
courriel : [transrural@globenet.org](mailto:transrural@globenet.org)

Download o documento no nosso site :  
<http://www.transrural-initiatives.org>